

LUTAS NO ENSINO MÉDIO:

CONHECIMENTO E ENSINO

MS. RENAN SANTOS FURTADO

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará – UFPA
Professor da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará – UFPA

ELANE CRISTINA PINHEIRO MONTEIRO

Mestranda em Currículo e Gestão da Escola Básica pela Universidade
Federal do Pará – UFPA
Professora da Escola de Aplicação da UFPA

DR. ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

Doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Leibniz Universität Hannover/Alemanha
Professor do Departamento de Estudos Especializados em Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade
Contemporânea (CED/UFSC/CNPq)
Pesquisador 1C CNPq

Resumo | O trabalho discute as lutas como conhecimento e objeto de ensino no Ensino Médio considerando práticas de dois professores da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Por meio do registro das experiências, apresentamos possibilidades de ensino de lutas em aulas de Educação Física no Ensino Médio. Essas experiências alcançam algum êxito ao considerarem, de forma curricular, as lutas como fenômeno amplo, e proporem seu ensino sob diferentes perspectivas. As experiências apresentadas podem ajudar no debate crítico sobre o currículo da Educação Física na Educação Básica.

Palavras-chave | Educação Física Escolar; Lutas; Ensino Médio.

FIGHTS IN HIGH SCHOOL: KNOWLEDGE AND TEACHING

Abstract | This paper discusses fights as knowledge and object of teaching in high school. It takes as example the practices of two teachers in the High School of the Federal University of Pará, Brazil. Considering our notebook of education experiences, we present possibilities to teach fights in Physical Education classes in High School. These experiences are quite successful in considering fights as a phenomenon and proposing to teach inspired in different perspectives. The related experiences can help in the critical debate about Physical Education curriculum in Basic Education.

Keywords | Physical Education at School. Fights. High School.

LUCHAS EN LA ENSEÑANZA MEDIA: CONOCIMIENTO Y ENSEÑANZA

Resumen | El texto discute las luchas como conocimiento y objeto de la enseñanza media, considerando prácticas de dos profesores de la Escuela de Aplicación de la Universidad Federal de Pará, Brasil. Por medio del registro de experiencias, presentamos posibilidades de enseñanza de luchas en clases de Educación Física en la Enseñanza Media. Dichas experiencias alcanzan algún éxito al tomaren en cuenta, de forma curricular, las luchas como fenómeno amplio, y proponer su enseñanza bajo distintas perspectivas. Las experiencias presentadas pueden contribuir para el debate crítico sobre el currículo da Educación Física en la Educación Básica.

Palabras clave | Educación Física Escolar. Luchas. Educación Secundaria.

INTRODUÇÃO

Há dez anos González e Fensterseifer (2009) escreviam que a Educação Física se encontrava entre o *não mais* (negação das práticas tradicionais, médico-biológicas, esportivizadas e do exercitar-se para a saúde, para o desenvolvimento do caráter etc.) e o *ainda não* (dificuldade de legitimar uma proposta crítica, democrática, republicana e propositiva na Educação Básica). Se o primeiro dos dois polos se deve aos importantes estudos oriundos do Movimento Renovador, superar o segundo depende

das pesquisas que possam e têm sido feitas, mas também do exercício de experimentação na prática pedagógica escolar.

Nesse sentido, apresentamos um relato de experiência com vistas a contribuir com a superação do cenário do *ainda não* da Educação Física escolar. Estão aqui algumas práticas do ensino das lutas em aulas para o Ensino Médio na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFPA).¹

Em trabalhos como os de Ferreira (2006), Nascimento e Almeida (2007), Gomes et al. (2010), Gomes et al. (2013), Cartaxo (2013), Rufino e Darido (2015) e Pereira et al. (2017) podemos constatar a existência de uma série de estigmas que dificultam a inserção das lutas nos currículos da Educação Básica. Entre outras questões, os autores destacam a suposta falta de contato dos professores com esse conteúdo em perspectiva ampla na formação inicial e continuada, a escassez de materiais e espaços especializados/apropriados, o não domínio técnico das modalidades de combate, a associação desse conteúdo com a violência, a falta de produção acadêmica que sistematize esse conhecimento.

O trabalho se divide em três momentos, além desta introdução. No próximo segmento fazemos uma breve abordagem sobre lutas, para logo, e antes das considerações finais, apresentarmos uma análise das experiências de aulas. Elas se vinculam a um interesse educacional que se materializa em uma proposta de organização dos conhecimentos em Educação Física. Como tal, procuram ser uma prática que promova autonomia.

SOBRE AS LUTAS

Se é um direito conhecer, e na escola um tipo de mediação específica da cultura acontece, não é diferente com as lutas, reconstruindo essa manifestação da cultura corporal de movimento de forma crítica, autônoma e reflexiva.

1. É importante mencionar que as experiências relatadas e vivenciadas nos últimos dois anos dialogam com um acúmulo histórico do trabalho com as lutas no Ensino Médio na EAUFPA, assim como, parte delas (Capoeira, Boxe e o uso das novas tecnologias) já estavam previstas no currículo da escola elaborado em 2014.

Nesse contexto, as lutas corporais são formas de confronto mediado por regras que contêm o ataque e a defesa como elementos simultâneos durante o combate, em que os praticantes visam derrotar o outro por meio de ações como derrubar, projetar, imobilizar, golpear, desequilibrar, manipular implementos etc. (GOMES, et al., 2010).

Como muitas das práticas corporais sistematizadas, as lutas têm origem utilitária, vinculando-se, em diferentes registros, às necessidades de sobrevivência, o preparo militar, a defesa pessoal, a busca pelo divertimento, assim como, as questões tradicionais, simbólicas, religiosas e filosóficas.² Nesse sentido, foram outras necessidades humanas que possibilitaram a sistematização das lutas com técnicas específicas e codificadas em modalidades de combate como conhecemos atualmente.³

Na contemporaneidade muitas lutas têm passado por um processo de esportivização, submetendo-se a um sistema maior de regras, estamentos burocráticos e adaptações (que visam controlar a violência) com foco frequente na espetacularização demandada pelas grandes mídias. É o caso das Artes Marciais Mistas (MMA), modalidade de combate que já surge como esporte e simboliza na forma de prática corporal a ininterrupta busca pelo espetáculo presente no nosso tempo, tendo o sensacionalismo midiático, a idolatria pelos atletas e a dinâmica da mercantilização da cultura esportiva como características fundamentais (MIRANDA FILHO; SANTOS, 2014).

ENSINANDO LUTAS NO ENSINO MÉDIO

O campo da Educação brasileira tem discutido de modo intenso nas últimas décadas os processos de seleção, organização, socialização

-
2. Em Borges (1989), Cartaxo (2013) e Campos (2014) a perspectiva histórica nas lutas é tratada por via de uma abordagem ontológica do fenômeno, partindo da noção de que o homem lutou e vem lutando ao longo da história devido a múltiplas necessidades de cada espaço e tempo.
 3. A respeito do processo de sistematização de técnicas de combate a partir de necessidades históricas dos homens, e do fenômeno contemporâneo de esportivização das lutas, ler Rufino e Darido (2011).

e avaliação da aprendizagem dos conhecimentos escolares, sendo esses alguns dos elementos debatidos tradicionalmente na área da didática. Segundo Libâneo (1990), quando pensamos na educação escolar em uma perspectiva crítica e transformadora necessitamos articular de modo coeso e lógico os objetivos, os conteúdos e os métodos de ensino.

No que diz respeito aos objetivos, eles podem tanto ser ligados às políticas e diretrizes educacionais, aos objetivos da escola expressos no Projeto Político Pedagógico (PPP) e no currículo, e aos objetivos do professor no ensino de um determinado conteúdo. No caso do trato com as lutas, quando pensamos os seus objetivos no Ensino Médio, defendemos de início a socialização, a reflexão e a experiência com uma expressão da cultura humana codificada na forma de movimento. Ademais, pretendemos com as lutas oportunizar que os alunos tenham acesso a aspectos técnicos, históricos e sociais desse fenômeno.

Referente à nossa experiência com o ensino das lutas no Ensino Médio, temos acumulado nos últimos dois anos um arsenal de conteúdos e de métodos apresentados no quadro 1, que a nosso ver dialogam de modo satisfatório com o nível de ensino em questão.

QUADRO 1: CONTEÚDOS E METODOLOGIAS DAS LUTAS

Contextualização teórica	Princípios de valores e atitudes	Práticas dos movimentos corporais	Metodologias
<ul style="list-style-type: none"> - Diversos conceitos referentes ao fenômeno das lutas. - Conceitos de Artes Marciais e de esporte de combate. - Discussão sobre luta e violência. - Classificações das lutas em relação à distância entre os oponentes, aos objetivos do combate e às ações motoras predominantes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Respeito aos oponentes. - Tomadas de decisão tática a partir das diversas lutas criadas pelos próprios alunos. - Postura crítica sobre a diferença entre briga e luta. - Cuidado com o corpo e o reconhecimento do uso de anabolizantes como substâncias nocivas para a saúde de adolescentes e atletas de diversas modalidades. 	<ul style="list-style-type: none"> - Jogos de combate/oposição. - Luta marajoara. - Huka-Huka. - Laamb. - Jiu-jitsu. - Defesa Pessoal. - Boxe. - Capoeira. - MMA. - Kenjutsu. - Kendô. - Esgrima. 	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de jogos de combate/oposição. - Oficinas com diversas modalidades de lutas. - Uso de vídeos e documentários. - Slides com imagens, introdução e aprofundamento de conteúdos. - Discussão, estudos e resenhas de apostilas e textos especializados.

Contextualização teórica	Princípios de valores e atitudes	Práticas dos movimentos corporais	Metodologias
<ul style="list-style-type: none"> - Lógica interna e caracterização das lutas. - Aspectos histórico-culturais e sociais das lutas. - Espetacularização das lutas no mundo contemporâneo. - A difusão das lutas pelas grandes mídias. - Capacidades físicas envolvidas nas lutas. - Conceito e implicações do uso de anabolizantes nos esportes de combate e na vida cotidiana. - A participação das mulheres nas lutas. - Lutas e saúde. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento de autoconfiança e perseverança. - Respeito às regras de cada modalidade ou atividades criadas pela turma. - Disciplina, cooperação e experiência formativa com a competição. - Controle emocional durante as situações de combate. - Socialização. 	<ul style="list-style-type: none"> Criação/reconstrução de lutas de curta, de média e de longa distância. - Atividades de força, resistência, agilidade, coordenação, ritmo, velocidade e flexibilidade adaptadas às lutas. - Tarefas que nos possibilitam verificar as capacidades motoras envolvidas nas lutas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de lutas com regras e espaços alternativos. - Seminários temáticos. - Pesquisa de campo em academias. - Novas tecnologias (Jogos virtuais de combate no Xbox). - Circuito de treinamento funcional adaptado às lutas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No contexto de uma escola como a EAUFPA, a articulação entre produzir, sistematizar e socializar o conhecimento por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, coloca-se como meta, e é no interior dela que optamos por uma perspectiva híbrida do ensino das lutas, por compreendermos que a prática docente necessita fazer uso de diferentes recursos e perspectivas de conteúdos para um real processo de formação.

Temos priorizado uma ação pedagógica com foco em disponibilizar um ensino amplo e crítico das lutas, garantindo o direito dos educandos de se apropriarem de conhecimentos voltados à saúde e à cultura, o que de acordo com Betti e Gomes-da-Silva (2019) demarca o caráter híbrido da Educação Física, pois,

Componente curricular obrigatório na Educação Básica, com longo trajeto histórico no interior da escola, a Educação Física é de origem híbrida: educação e saúde. Suas finalidades não têm a suposta pureza dos conceitos abstratos das disciplinas “teóricas”, da sala, nem da pura funcionalidade dos exercícios para promover aptidão física, ou dos jogos para gerar autonomia. É um componente híbrido porque é um lugar atravessado pela gama contraditória e conflitante de ideologias, valores e representações socioculturais [...] (p. 38).

Avançamos nos últimos anos no ensino das lutas proporcionando um leque de experiências organizadas em três dimensões propostas por Gomes et al. (2010): lutas de curta, de média e de longa distância. As lutas que foram trabalhadas estão listadas no quadro 1, sendo as de curta distância as que englobam ações de agarre e contato contínuo, as de média distância aquelas que têm o contato somente na aplicação dos golpes e as de longa distância as que apresentam distância maior entre seus oponentes utilizando-se implementos para desferir os golpes.

Temos prezado pela relação direta entre aspectos conceituais e experiências corporais, o que torna a proposta de organização das aulas por via das três dimensões supracitadas um eixo que organiza o conhecimento, mas não algo a ser realizado por etapas. Por exemplo, quando vivenciamos a luta marajoara⁴ e os seus movimentos principais de ataque e defesa (práticas do movimento), já podemos conceitua-la como uma luta de curta distância cujo objetivo é colocar as costas do oponente na areia, que faz uso predominantemente de capacidades físicas como a força e a resistência (contextualização teórica), sendo que suas regras (na dimensão competitiva e institucionalizada dessa prática corporal) proíbem o uso de golpes traumáticos e qualquer outra atitude desleal (princípios de valores e atitudes). De acordo com Chaves, Da Silva e Medeiros (2014) o ensino das lutas para além dos gestos técnicos é uma demanda crucial para a legitimação desse conhecimento como conteúdo da Educação Física.

4. Santos e Freitas (2018), em trabalho pioneiro que discute a possibilidade e a necessidade de inserção da luta marajoara na Educação Física escolar, afirmam que foi a partir da dominação portuguesa, da introdução das primeiras cabeças de gado no Marajó e do contato entre indígenas (nativos), negros africanos e vaqueiros que a luta marajoara foi construída a partir do século XVIII na Ilha do Marajó/PA.

Outro elemento que temos nos preocupado no trabalho com as lutas do Ensino Médio diz respeito à seleção de debates e discussões que compõem esse universo. Assim, temos optado em dialogar na forma de seminários temáticos com temas contemporâneos, como, por exemplo, o processo de espetacularização das lutas, as relações/tensões entre a luta e a violência, a participação das mulheres, os benefícios e malefícios para a saúde dos praticantes e as implicações do uso de anabolizantes nos esportes de combate. Cabe destacar que todos os tópicos acima citados já foram, direta ou indiretamente, questões no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sendo essa uma demanda que precisa ser contemplada no nosso planejamento de cada conteúdo.⁵

Como se pode observar no quadro 1, iniciamos o bimestre tentando identificar as características das lutas e a sua dinâmica interna a partir dos jogos de combate/oposição. Em seguida, selecionamos lutas de curta, de média e de longa distância para com elas avançarmos no estudo, compreensão e experiência corporal. De acordo com Gomes et al. (2010), para ser luta é preciso que a atividade apresente contato proposital, fusão ataque/defesa, imprevisibilidade, oponente alvo e regras. Além dessas características, destacamos para os alunos que as lutas, na forma de modalidades esportivas, possuem também um tempo e um espaço específico para acontecerem.

No quadro 1, apresentamos conteúdos que têm sido trabalhados no 1º e 2º ano do Ensino Médio. No primeiro, nosso foco na dimensão

5. A Educação Física no ENEM é um elemento que a nosso ver necessita de maiores reflexões. Se é verdade que estruturalmente as universidades públicas apresentam um limite ao não oportunizarem o acesso a uma ampla parcela da juventude, e com isso falham na tarefa de universalização da Educação Superior pública, acreditamos que devemos, dentro do nosso planejamento, dialogar com as competências e habilidades que o exame tem requerido dos nossos alunos, pois, os atos de ensinar e de contribuir para a formação e ascensão social da juventude configuram-se como uma prática de resistência. Outro fenômeno que nos instiga a pensar sobre, é que desde 2009 as questões elaboradas que tratam da área da Educação Física sinalizam para a superação do paradigma da aptidão física e do esporte de alto rendimento. Com isso, tem sido comum o aparecimento de questões densas e contextualizadas sobre o jogo, a dança, as dimensões sociais do esporte, as lutas como fenômeno cultural e midiático, a atividade física no mundo contemporâneo, as práticas de lazer, a saúde etc.

conceitual passa pela apresentação de conceitos, classificações e características das lutas. Escolhemos a capoeira, o Huka-huka e o Laamb, pois nossa centralidade é nas lutas afro-brasileiras e indígenas, com ênfase nos aspectos históricos, culturais e técnicos dessas práticas. No segundo ano, selecionamos a classificação das lutas em relação à distância entre os oponentes, com isso, trabalhamos o Jiu-jitsu e a luta marajoara como exemplos de combates de curta distância, o boxe (com auxílio do Xbox) como de média e o Kendô e Esgrima como de longa distância. Além desses conteúdos, no 2º ano trabalhamos com uma oficina sobre defesa pessoal e com os temas contemporâneos do universo das lutas, como, por exemplo, o MMA e a espetacularização, saúde, participação das mulheres, uso de anabolizantes nos esportes de combate etc.

Destacamos duas experiências exitosas. A primeira é o uso do Xbox para a realização dos confrontos no boxe. Assim, após vivenciarmos no ginásio os movimentos e os golpes básicos do boxe, deslocamo-nos para a sala de novas tecnologias e realizamos confrontos com auxílio de um videogame. Com isso, além dos alunos terem a oportunidade de realizar os golpes aprendidos, a participação acaba sendo massiva devido à atração que o elemento virtual desperta nos alunos (o que, por sua vez, deve ser problematizado, algo que foge do escopo deste trabalho). Outro aspecto é que a oficina de defesa pessoal tem sido um momento no qual as mulheres participam e se interessam mais pelas atividades práticas, o que, como colocam Chaves, Da Silva e Medeiros (2014), tem sido um grande desafio nas aulas de lutas no Ensino Médio. Em uma roda de conversa no final de uma das aulas de defesa pessoal, alunas relataram que devido ao forte quadro de violência contra a mulher presente na sociedade, essa atividade despertou um interesse ainda maior nelas, pois elas conseguiram visualizar possibilidades de se defenderem, quando necessário e possível, em situações cotidianas.

Organizamos as aulas para que a contextualização teórica não seja dissociada das práticas do movimento. Assim, como sua duração, em geral, é de 1 hora e 30 minutos, sempre começamos com alguma exposição ou introdução sobre o conteúdo, para em seguida realizarmos as atividades

corporais, abordando conceitos também nessa etapa. O final da aula é sempre um momento de reflexão mais aprofundada sobre o conteúdo do dia. Ainda que esse seja um modelo que gostamos de seguir, em algumas situações, devido à densidade de certos conteúdos, a dimensão conceitual prevalece, assim como os aspectos do movimento em outras situações. É o objetivo de cada aula que orienta os procedimentos metodológicos utilizados.

No que diz respeito à avaliação, e tomando como exemplo o 2º ano, concomitante ao processo de socialização do conhecimento realizamos uma atividade de avaliação, cuja proposta consiste na criação, por parte dos alunos, de jogos de combate contendo todas as características das lutas. Em seguida, caminhamos para a construção dos seminários temáticos, também instrumento de avaliação. Por último, os alunos realizam a prova do fim do bimestre sobre esse conteúdo, que na nossa escola se aproxima do modelo utilizado pelo ENEM.

Fazemos uso de slides, de apostilas e textos especializados para introduzir cada conteúdo planejado para o bimestre, e nos seminários os alunos recebem textos produzidos no campo acadêmico para auxiliar o processo de reflexão sobre o tema. Nessa perspectiva, desenvolvemos um ambiente propício à experimentação, apropriação e reconstrução do conhecimento, com alunos que se mostram bem mais motivados e protagonistas de diferentes experiências, compartilhando por vezes seus conhecimentos informais. Logo, tem sido comum que alunos e estagiários (esses últimos estão constantemente presentes nas aulas devido à perspectiva de formação da EAUFPA defender o trabalho colaborativo com a Universidade) se sintam à vontade para ministrar oficinas sobre algum tópico planejado para a unidade/bimestre de lutas. Em geral, abrimos espaço para os alunos e estagiários que nos procuram para realizar oficinas, o que tem sido comum com capoeira, boxe, jiu-jitsu e defesa pessoal. Nesses momentos, a dimensão do protagonismo dos alunos se evidencia, pois passam a, junto com o professor, ser parte do processo de socialização do conhecimento. Nesses momentos, o diálogo e os vínculos entre os alunos e dos alunos com o professor se fortalece, afinal, todos estão envolvidos e trabalhando no mesmo processo.

Buscando superar o estágio do *ainda não* da Educação Física escolar apresentado por González e Fensterseifer (2009), nossa preocupação tem sido garantir o acesso a conceitos e elementos específicos do universo das lutas de modo aprofundando, e ao mesmo tempo oportunizar aos alunos experiências corporais que lhes permitam compreender e refletir sobre os próprios conceitos selecionados para serem ensinados em cada série. Como exemplo citamos que a seleção da luta marajoara, jiu-jitsu, boxe e lutas com implementos não são por acaso, pois a intenção é fazer com que a ideia de curta, de média e de longa distância, assim como as características gerais das lutas (contato proposital, oponente alvo, imprevisibilidade, fusão ataque/defesa, regras, tempo e espaço), possa ser bem entendida.

NOTA FINAL

Durante os últimos dois anos enfrentamos uma gama de desafios, que por vezes se configuram como problemas no cotidiano. A associação, por parte dos alunos, das lutas com a violência é um aspecto que por vezes dificulta o processo de socialização do conhecimento, o receio das mulheres em participar de algumas atividades com maior contato físico também é por momentos uma barreira, sendo sempre, no entanto, um rico tópico de reflexões. Além desses pontos, a cultura escolar de um modo geral ainda olha para as lutas com certo preconceito, fazendo com que o trabalho com esse conteúdo não seja compreendido e tratado como uma atividade curricular e formativa.

Temos razões para considerar a experiência relatada como contribuição efetiva para a apreensão e reconstrução coletiva do conhecimento, processo que realizamos especialmente durante os seminários temáticos e nas oficinas ministradas pelos alunos. A nosso ver as experiências expostas podem contribuir para possíveis reelaborações e debates coletivos sobre o currículo da Educação Física na Educação Básica em outras escolas e regiões do Brasil.

Esperamos com o presente trabalho divulgar e ampliar as possibilidades metodológicas e os conteúdos a orientar o ensino de lutas nas

séries finais da Educação Básica. Ele não deve, no entanto, ser interpretado como uma prescrição ou um manual. Afinal, a prática educativa é sempre algo que dialoga com o espaço e tempo em que se manifesta. Tal fato nos coloca na posição de entusiastas por novos trabalhos e práticas inovadoras na Educação Básica, e não como sujeitos que possuem a pretensão ou alguma capacidade para dizer como os professores devem trabalhar, e muito menos como as práticas de escolarização precisam ocorrer no cotidiano das instituições educativas.

REFERÊNCIAS

BETTI, M; GOMES-DA-SILA, P. N. **Corporeidade, jogo, linguagem**: a Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2019.

BORGES, O. A. Ju-jutsu, Ju-jitsu ou Jiu-jitsu: origens e evolução. **EFDesportes.com, Revista Digital, Buenos Aires**, v. 16, n. 156, maio/1989.

CAMPOS, L. A. S. **Metodologia do ensino das lutas na educação física** escolar. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014.

CARTAXO, C. A. **Jogos de combate**: atividades recreativas e psicomotoras: teoria e prática. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHAVES, P. N; DA SILVA, I. L. MEDERIOS, R.N.M. Lutas na Educação Física escolar: uma experiência no Ensino Médio. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 80-91, set. 2014.

FERREIRA, H. S. As lutas na educação física escolar. **Revista de Educação Física** - Nº 135 – Novembro de 2006 – Pág. 36-44.

MIRANDA FILHO, V. F; SANTOS, I. S. P. Mídia, mercadorização esportiva e o movimento de popularização do MMA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 865-877, jul./set. 2014.

GOMES, M. S. P et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 207-227, abril/junho de 2010.

GOMES, N. C et al. O conteúdo lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar. **Motrivivência**, Ano XXV, Nº 41, P. 305-320 Dez./2013.

GONZÁLEZ, F. J. FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”. Pensando saídas do não-lugar da EF na escola I. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-24, set. 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

NASCIMENTO, P. R. B; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007.

PEREIRA, M. P. V. C et al. Lutas na escola: sistematização do conteúdo por meio da rede dos jogos de lutas. **Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde**, Campinas: SP, v. 15, n. 3, p. 338-348, jul./set. 2017.

RUFINO, L. G. B; DARIDO, S. C. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar: necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 117, set./dez. 2011.

RUFINO, L. G. B; DARIDO, S. C. O ensino das lutas nas aulas de educação física: análise da prática pedagógica a luz de especialistas. **Rev. Educ. Fís/UEM**, v. 26, n. 4, p. 505-518, 4. trim. 2015.

SANTOS, C. A. F; FREITAS, R. G. Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 2018.

Recebido: 25 de outubro 2019

Aprovado: 28 outubro 2019

Endereço eletrônico:

Renan Santos Furtado

renan.furtado@yahoo.com.br